

SOBRE A REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICA DA SUBJECTIVIDADE

REPRESENTAÇÃO DO SELF NUM TEXTO 'ESQUIZOFRÉNICO'

Ana Monção

No âmbito de uma reflexão geral sobre o modo como a subjectividade pode ser expressa através da linguagem (entendendo-se por subjectividade essa experiência individual de continuidade – ou descontinuidade em casos patológicos – do *self* através do tempo), procurarei colocar em destaque alguns dispositivos linguísticos que permitem ao sujeito exprimir a percepção que tem de si próprio e o conceito que devido a isso forma de si. A escolha de alguns desses dispositivos em detrimento de outros está condicionada pela análise dum texto de um paciente diagnosticado como esquizofrénico, texto esse que me foi facultado já há alguns anos na Casa de Saúde do Telhal e que fazia parte do dossier clínico do mesmo doente.

De entre as várias expressões que em Linguística agrupamos sob a designação de *referência deíctica indicial*, isto é, de entre as diversas expressões cujo referente depende e varia de acordo com a situação comunicativa em que são empregues, os pronomes pessoais são, tal como pôde destacar Emile Benveniste na sua apresentação do quadro formal da enunciação (1974), excelentes candidatos à expressão da subjectividade.

Para Benveniste, no quadro formal da enunciação – acto individual de apropriação da língua através do qual o sujeito que fala se inscreve na sua fala – a correlação da subjectividade diz apenas respei-

O Conceito de Representação

to à 1ª e 2ª pessoas que designam, respectivamente, o sujeito que profere a enunciação e o indivíduo que está presente na enunciação como alocutário uma vez que, e cito, "desde o momento em que o locutor se apropria do aparelho formal da enunciação enuncia a sua posição como locutor; e desde o momento que se declara locutor implanta o outro em face de si." (trad. de Benveniste 1974, p. 82). Daí que toda a enunciação implique, explícita ou implicitamente, uma alocação o que lhe confere o seu carácter dialógico. No quadro deste dialogismo, o "eu" e o "tu", como expressões deícticas, serão sempre interpretados de forma diferente de acordo com a pessoa que profere o enunciado, a pessoa para quem o enunciado é proferido, o momento e o lugar em que tem lugar a enunciação.

Desta correlação da subjectividade benvenistiana constituída pelo "eu", pessoa subjectiva, e o "tu", pessoa não subjectiva", é excluída a terceira pessoa, o "ele" que designa um indivíduo ausente, uma não-pessoa. *À la limite*, na relação com a sua própria interioridade (a que me parece Benveniste referir – se quando afirma que "a presença do locutor na sua enunciação faz com que cada instância do discurso constitua um centro de referência interna" (trad. op. cit. p. 82)) – o EU constitui a única pessoa subjectiva.

Semelhante opinião parece ser partilhada por Danon – Boileau no seu artigo "Three steps towards Ego" (1991) em que, como linguísta e psicanalista infantil, se debruça sobre a evolução do processo de auto-designação na criança distinguindo-lhe três etapas – a referência a si próprio através do Nome Próprio, através do "mim" e, finalmente, o uso do pronome pessoal "eu". O autor afirma que a apropriação da primeira pessoa só se dá quando a criança toma consciência de que carrega sozinha o fardo da sua própria reflexão e quando adquire a capacidade de expressar o que não pode ser visto (contar, por exemplo, histórias da sua imaginação em que se atribui um papel). Seja como expressão de estados emocionais (sentimentos, sensações, desejos) ou associado a qualquer tipo de julgamento que expressa o ponto de vista da criança, a sua opinião pessoal, o "eu" funcionaria como a representação de um projecto que só a criança pode suportar, de um conhecimento em parte não partilhável, podendo neste sentido o "eu" ser considerado a primeira expressão do pensamento solitário.

Para além de considerar o Nome Próprio e o pronome "mim" como expressões linguísticas da subjectividade (através do "moi" a criança, explica-nos o autor, baseia a sua concepção da identidade através de uma imagem externa do *self*), e de destacar a função de

marcadores referenciais dos pronomes pessoais (estes permitem ao falante referir-se ao seu próprio *self* e ao outro uma vez que através do pronome "eu" se expressa a identidade de referência do sujeito, e através do "tu" a diferença), salienta que os mesmos pronomes, associados a qualquer tipo de julgamento, permitem ao sujeito expressar o seu ponto de vista em relação ao que está a ser dito: isto é, se o sujeito afirma "eu penso que ele se foi embora" estará a expressar uma opinião, um julgamento, acerca de uma partida. Ou seja, desde o momento em que eu-sujeito falo torna-se impossível não expressar a minha perspectiva em relação àquilo sobre que falo – seja sobre mim, seja sobre outra coisa mas mediatizada por uma visão interpretativa pessoal.

Mas se o EU se pode definir como centro da enunciação, as marcas linguísticas, detectáveis no enunciado, através das quais esse EU se expressa é que ultrapassam o uso da marca de 1ª pessoa. Em *Roland Barthes par Roland Barthes*, o escritor dá – nos conta deste facto procedendo a uma reflexão metalinguística sobre o seu uso individual das formas pronominais: para ele o "eu" é o pronome do imaginário, o "ele" o pronome da distância, uma espécie de mortificação já que falar de si na 3ª pessoa é de certo modo torná-la ausente, transformá-la em algo um pouco morto; quanto ao "você" ele utiliza-o como o pronome da auto-acusação, uma espécie de paranóia decomposta, semelhante ao "vós" com que Sade se dirige a si próprio em certas notas (trad. e cit. in Kerbrat-Orechionni, 1980, p. 65).

Assim, se eu posso falar de mim na 1ª, 2ª, 3ª pessoas, ausentarme do meu enunciado ou escolher muitos outros meios linguísticos para o fazer (por exemplo, expressões avaliativas, afectivas, modalizadoras, axiológicas, expressões a que não faremos referência e que Kerbrat-Orechionni (1980) agrupa sob a designação de *subjectividade não deíctica*), ou, por outras palavras, se toda a sequência discursiva carrega a minha presença como enunciador, o modo como escolhi manifestar essa presença não é aleatória porque acarreta diferenças consideráveis na forma como expresso a minha subjectividade. Todos estarão, decerto, de acordo que a paciente que em terapia afirma "Era necessário saber se *uma pessoa* se sentia preparada para o casamento" (Rogers 1985, p. 117) em vez de "Era necessário saber se *eu* me sentia preparada para o casamento" não exprime a sua subjectividade da mesma forma: no primeiro caso usa a forma impessoal "uma pessoa" não assumindo o enunciado, no segundo assume-o claramente e, conseqüentemente, a problemática que nele é expresso. Esta passagem do "impessoal" ao pessoal, ou

O Conceito de Representação

melhor dizendo, a passagem da tentativa de falar de si para o assumir das problemáticas e dos sentimentos, reveste-se, por exemplo, de particular importância nos processos terapêuticos verbais (sejam eles individuais ou grupais) como dá conta a Escala do Experienciar (Experiencing Scale) desenvolvida por Gendlin e Rogers entre 1960 e 1969, para captar a qualidade de envolvimento do cliente em psicoterapia.

Observando uma forma abreviada desta escala (Doc. 1) vemos que, mesmo não sendo linguistas mas possuindo uma competência linguística e treinados na capacidade de ouvir o outro, os terapeutas diferenciam sete etapas na evolução do processo terapêutico fazendo-lhes corresponder alguns índices linguísticos de mudança. Curioso é também observar como em terapias de grupo a diferença de grau de assumpção da subjectividade (mais ou menos subjectivo, mais ou menos assumido) é sinalizada pelos participantes: à medida que estes vencem as barreiras em falar de si perante os outros, o participante que fala de forma impessoal ou colectiva e que está, portanto numa fase mais recuada do processo – dizendo por exemplo "Nós temos (ou as pessoas têm) imensa dificuldade em aceitar os defeitos dos outros" é corrigido prontamente – "Nós? O que tu queres dizer é que *tu* tens essa dificuldade, fala por ti" (adaptado de Rogers 1976, p. 63).

A propósito da expressão deíctica da subjectividade no discurso esquizofrénico, discurso que hoje me ocupa, são de mencionar dois trabalhos linguísticos: o de Luce Irigaray "Existe-t-il un discours schizophrénique?" (1985 b)) e um de Roman Jakobson "Un regard sur *La Vue* d'Holderlin" (1986), análise de um soneto do poeta alemão produzido no seu período de avançada esquizofrenia. Sem me deter sobre o conteúdo desses trabalhos, chamaria, no entanto, a atenção para o facto de que o que afirma Irigaray sobre o aspecto indicial da linguagem no discurso esquizofrénico – consistindo esse discurso em produções espontâneas ou semi-induzidas através de instruções verbais – ou Roman Jakobson a propósito de uma produção poética de Holderlin não é aplicável a todas as produções esquizofrénicas. Apontam, a meu ver, para tendências discursivas que estão condicionadas pelo tipo de discurso em análise. Se as considerações de ordem enunciativa mostraram poder contribuir para fundar tipologias discursivas – é o que Irigaray propõe ao estabelecer uma correlação entre o uso de determinadas marcas da enunciação e as linguagens 'neuróticas' do obsessivo e do histérico (1985 a)) —, qualquer afirmação acerca do discurso esquizofrénico deverá ser modalizada tendo em

conta o tipo de discurso – escrito ou oral –, o tipo de texto (carta, poema) ou tipo de interação verbal (questionário, entrevista clínica, discurso espontâneo). Nesta linha também aquilo que afirmarei acerca da expressão deíctica da subjectividade no texto hoje em análise, por se restringir a um único texto, a um determinado tipo de texto, e por colocar de lado as alterações na produção de um mesmo doente ao longo do tempo só apreensíveis num estudo longitudinal, não permite que se incorra em generalizações.

Distinguidos graficamente (dactilografia vs. caligrafia) A.S.P. propõe-nos um objecto verbal (Doc. 2) em que podemos reconhecer dois modelos textuais tipificados – o requerimento e a declaração. O corpo do requerimento inicia-se, canonicamente, pelo Nome Próprio do requerente, seguido de Descrições Definidas, admitindo uma forma verbal no gerúndio ("sendo hoje ocasião própria"), efectuando-se no presente ("pede"). Na declaração, o requerente procederá à sua auto-descrição não já através de um nome Próprio mas através da marca de 1ª pessoa "eu", tornando-se personagem de uma narrativa no passado.

É no quadro destes modelos altamente codificados de interação linguístico-social, neste formato aprendido, estruturante e seguro – que o paciente maneja introduzindo-lhe, como vimos, os elementos linguísticos esperados –, que algo de estranho acontece: um delírio que se expressa linguisticamente, deslocando as nossas expectativas.

É de colocar como hipótese que o formalismo no interior do qual a linguagem se desagrega – formalismo esse patente em regularidades sintácticas, rítmicas, fónicas, que pudemos encontrar em certas produções escritas de doentes mentais (Monção, 1992) – traduza a procura de uma organização que pretende compensar uma desorganização psíquica. Este facto, observável a nível verbal, corroboraria o geometrismo já constatado nas produções pictóricas dos esquizofrénicos (Doc. 3): a *mandala* (Doc. 4), forma circular surge, por exemplo, espontaneamente em situações de dissociação ou grande desorientação psíquica nos desenhos de esquizofrénicos: "Em tais casos", fazia notar, Jung "é fácil verificar como o molde rigoroso imposto pela imagem circular, através da construção de um ponto central, com o qual todas as coisas vêm relacionar-se, ou por um arranjo concêntrico da multiplicidade desordenada de elementos contraditórios e irreconciliáveis, compensa a desordem do estado psíquico. Isto é evidentemente uma tentativa de auto-cura que não se origina da reflexão consciente mas de um impulso instintivo" (cit in Silveira 1994).

O Conceito de Representação

Alberto.S.P, ser empiricamente real, escolherá dois Nomes Próprios (NPs) – Erik.S.V. e Alberto.S.P – para se auto-designar definindo a sua identidade através de Descrições Definidas (DDs). John Stuart Mill considerava que os NPs não possuíam significação: puros designadores, nada nos dizem sobre o objecto-indivíduo ao qual fazem referência. O NP funcionaria, pois, como simples marca que permite distinguir um objecto de outro sem dizer através de que propriedades esse objecto é passível de ser distinguido de outros. Já as Descrições Definidas denotando um objecto, isto é, designando um objecto particular, conotam as suas propriedades singularizantes sendo de reconhecer que no uso de "conotam" se encontra implícito que as DDs expressam o ponto de vista através do qual é apresentado o objecto-indivíduo.

Para outro autor, Granger (1982) o conteúdo semântico dos NPs não pode ser definido a não ser no contexto da enunciação: Erik Smutz Veygand significaria, de acordo com esta perspectiva "o nome através do qual o sujeito da enunciação se auto-designa", sendo de notar a circularidade desta definição. Para apreendermos o seu conteúdo semântico será igualmente necessário defini-lo através de uma constelação de propriedades, atribuídas, neste caso, pelo sujeito da enunciação por meio de Descrições Definidas.

Assim, linguisticamente, através desta articulação NP/DDs o sujeito da enunciação, desdobrado, apresenta-se simultaneamente como "tenente-general do Exército Canadiano", "Ministro da Guerra do Exército Francês", "associado ao Senhor Director da Casa de Saúde do Telhal" – DDs atribuídas a Erik S.V. – e como "1º cabo sem metralhadora nº 148/42 do Batalhão de Caçadores de Elvas" – DDs atribuídas a Alberto S.P. A esta simultaneidade de identidades, em que um *self* aparece como compensação de outro depreciado (o que podemos verificar lexicalmente pela oposição "tenente-general/cabo sem metralhadora"), vem juntar-se a contemporaneidade dos dois modelos socio-discursivos diversos já referidos: os dois documentos estão separados temporalmente mas de forma imaginária (o autor imagina que decorreu entre eles o tempo de uma recusa) correspondendo a um só acto enunciativo, o que constatamos pela proximidade espacial dado ocuparem a mesma folha de papel azul.

Deste modo vários factos linguísticos se conjugam para podermos considerar este texto e a representação do *self* do sujeito como delirante (isto é, como não pertencente nem às categorias do real nem da ficção): o facto de o sujeito da enunciação se auto-designar por

Sobre a Representação Linguística da Subjectividade

dois NPs diferentes (sendo que o segundo NP aparece para corrigir o primeiro – "para melhor identificação"); o facto das DDs através das quais se auto-descreve serem incompatíveis entre si (não se pode ser simultaneamente tenente e general, pertencer em posição de chefia ao Exército Francês e ao Exército Canadano e a um Batalhão de Caçadores portugueses); e, finalmente, a contemporaneidade espacial de dois modelos textuais.

Delirante é também o posicionamento do autor face a um jogo de escrita em relação ao qual não se distancia. Para que houvesse esse distanciamento seria necessário o "como se" que caracteriza a produção dos discursos ficcionais. Na psicose, tal como neste texto, está patente um problema de verosimilhança e crença. Castillo é concludente acerca desta questão na sua obra *Ciúmes, Loucura, Morte* (1995): para o crente a sua crença é verosímil até ao ponto de a considerar *como se* fosse verdade, para o delirante as interpretações possuem carácter não de verosimilhança mas de veritatividade; o delirante não vive as suas interpretações ou crenças como tal mas como evidências, daí a sua incorrigível certeza. Enquanto que na fantasia não psicótica o sujeito desejaria ser aquele que se fantasia, no delírio o sujeito é o que fantasia ser. Enquanto que o indivíduo não psicótico pode ter a consciência (e como tal a distância) de que constrói uma identidade, o delirante transforma-se na identidade e na realidade que constrói. A psicose é, pois, um processo que conduz a uma deterioração do sujeito como auto-consciência, uma *alienação*, no sentido psicopatológico e não filosófico, o sujeito é "outro", ou seja, um sujeito com um novo *self* (pp. 161, 165, 184, 191).

Bibliografia

- APOTHÉLOZ, Denis & Grize, Jean-Blaise (1987), "Le développement des conduites discursives" in *Langage, processus cognitifs et genèse de la communication*, Cahiers du CNRS, 54, pp. 15-35.
- BENVENISTE, Émile (1974), "L'appareil formel de l'énonciation" in *Problèmes de Linguistique Générale*, Gallimard, Paris, pp. 79-91.
- CASTILLA DEL PINO, Carlos (1992), *Introducción a la Psiquiatria – Psiquiatria general, Psiquiatria clínica*, Alianza Editorial, Vol. 2, 2ª edição, Madrid.
- _____, (1995) *Ciúmes, Loucura, Morte*, Ed. Temas da Actualidade, Lisboa
- DANON-BOILEAU, Laurent (1991), "Three steps towards Ego", *Travaux de Linguistique Énonciative*, nº 13, pp. 251-261.

O Conceito de Representação

- GRANGER, Giles (1982), "Á quoi servent les noms propres?", *Langages* 66, pp. 21-73.
- IRIGARAY, Luce
——— 1985a "Approche d'une grammaire de l'énonciation de l'hystérique et de l'obsessionnel" in *Parler n'est jamais neutre*, Ed. de Minuit, Paris, pp. 55-69.
——— 1985b "Existe-t-il un discours schizophrénique?" in *Parler n'est jamais neutre*, Ed. de Minuit, Paris, pp. 213-23.
- JAKOBSON, Roman (1963) "Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe" in *Essais de Linguistique Générale*, Ed. de Minuit, pp. 161-176.
———, 1986 "Un regard sur la Vue d'Holderlin" in *Russie, Folie, Poésie*, pp. 169-218, Éditions du Seuil, Paris.
- KERBRAT-ORECHIONNI, Catherine (1980) *L'énonciation – de la subjectivité dans le langage*, Armand Colin, Paris.
- KLEIN, M.H., MATHIEU-COUGHLAN, P. & KIESLER, D. J. (1986), "The Experiencing Scales" in *The Psychotherapeutic Process – A Research Handbook*, Greenberg & Pinsof Eds., Guilford Press, New York, pp. 21-73.
- MOESCHLER, Jacques e REBOUL, Anne (1994), *Dictionnaire Encyclopédique de Pragmatique*, Ed. du Seuil, Paris.
- MONÇÃO, Ana Maria (1992) "Da coerência e/ou intrpretabilidade de um texto 'patológico', *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 343 – 57.
- PARIENTE, Jean – Claude (1982) "Le Nom Propre et la prédication dans les langues naturelles", *Langages* 66, pp. 37-97.
- RAIMY, V.C. (1948) "Self-reference in counseling interviews", *Journal of Consulting Psychology*, 12, pp. 153-63.
- ROGERS, Carl (1976) *Grupos de encontro*, Moraes Editores, Lisboa.
——— (1985) *Tornar-se Pessoa*, Moraes Editores, Lisboa, 7ª Edição.
- SERRA, Adriano Vaz (1988) "O auto-conceito", *Análise Psicológica*, nº 2, Série VI, ISPA, pp. 97-101.
- SILVEIRA, Nise da (1994) *Os inumeráveis estados do ser: catálogo da exposição Museu de imagens do inconsciente – 40 anos de terapêutica ocupacional*, Fundação Calouste Gulbenkian, Outubro-Novembro.
- VEKEN, C. (1991) "Another form of me-opia – When the I under scrutiny meets the I of the observer", *Travaux de Linguistique Énonciative*, 13, pp. 263-73.

Sobre a Representação Linguística da Subjectividade

Abstract

L'article se veut une réflexion sur l'importance de l'utilisation des pronoms personnels dans l'expression de la subjectivité. Des références sont faites à l'évolution du processus d'auto-désignation chez l'enfant, à l'importance du passage de l'impersonnel au personnel dans les processus thérapeutiques verbaux et, finalement, à l'analyse de l'aspect indiciel du langage dans certains types de discours pathologiques.

L'expression de soi est analysée dans un texte 'schizophrénique' et quelques remarques sont faites sur ce qu'on peut dire être, linguistiquement, un discours délirant.

O Conceito de Representação

Table 2-1 Short Form of Experiencing Sclare (Patient)

Stage	Content	Treatment
1	External events; refusal to participate	Impersonal, detached
2	External events; behavioral or intellectual self-description	Interested, personal, self-participation
3	Personal reactions to external events; limited self-descriptions; behavioral descriptions of feelings	Reactive, emotionally involved
4	Descriptions of feelings and personal experiences	Self-descriptive; associative
5	Problems or propositions about feelings and personal experiences	Exploratory, elaborative, hypothetical
6	Felt sense of an inner referent	Focused on there being more about "it"
7	A series of felt senses connecting the content	Evolving, emergent

Note. Copyright 1970 by The Regents of the University of Wisconsin. Revised, 1983.

Table 2-2 Additional Stage Criteria

Scale Stage	Grammatical	Expressive	Paralinguistic	Content
1	No first-person pronouns; past or present tense	Remote, impersonal	Fluent	Impersonal, others' activities or events
2	Personal pronouns; past or present tense	Interested, intellectual	Usually fluent	Ideas, events, actions
3	Personal pronouns; past or present tense	Limited reactions	Some affect indicators, e.g., laughs, sighs	Parenthetical or limited references to feelings
4	Present or past tense	Immediate, expressive	Focused voice, expressions of affect	Subjective experiences and associations
5	Present tense, but past can be included; Subjunctive, tense questions	Immediate, groping, tentative	Dysfluency	Questions about unclarity in own awareness
6	Present tense or vivid representation of past	Declarative, fresh, real	Exclamation, alternations of dysfluency and fluency, pauses	Directly sensed and emergent feeling
7	Present tense primarily	Affirmative	More fluency than dysfluency	What one "knows" for oneself

Doc. 1

Sobre a Representação Linguística da Subjectividade

ESTADO E UNION CANADIANA

AO SENHOR CONSUL DO CANADÁ EM LISBOA

SENHOR CONSUL

ERIK FRED SMUTZ VEYGAND, tenente-general do Exército Canadiano, cavalaria e Carqueiros de Campanha, desde então no desempenho da missão que lhe foi confiada, como Ministro da Guerra do Exército Francês, ocasião da sublevação-operaria em Cadiz-Walhadolid-S. Sebastian, Antuerpia-Milão-Hamburgo, sendo hoje ocasião propria, pede ao Excelentissimo Governo do Canada, o seu salario anual, e bem assim o vestuario e calçado de campanha e passelo que lhe é permitido.

Associado ao Senhor Director da Casa de Saude do Telhal, por questões economicas, pede deferimento.

Em 4 de Agosto de 1967

Assinatura

F. F. Smutz Veygand

a) Erik Fred Smutz Veygand

Ten. general

Declaração

Fui o requirente, declaro que fiz um requirimento igual e pelo que se passa, não fui atendido. Busca de quem tomou conta deste assunto?

Lembro-me que fui esvaziado ao regresso a França. Presso ao chegar à fronteira nos Pirineus, fui enviado para

O Conceito de Representação

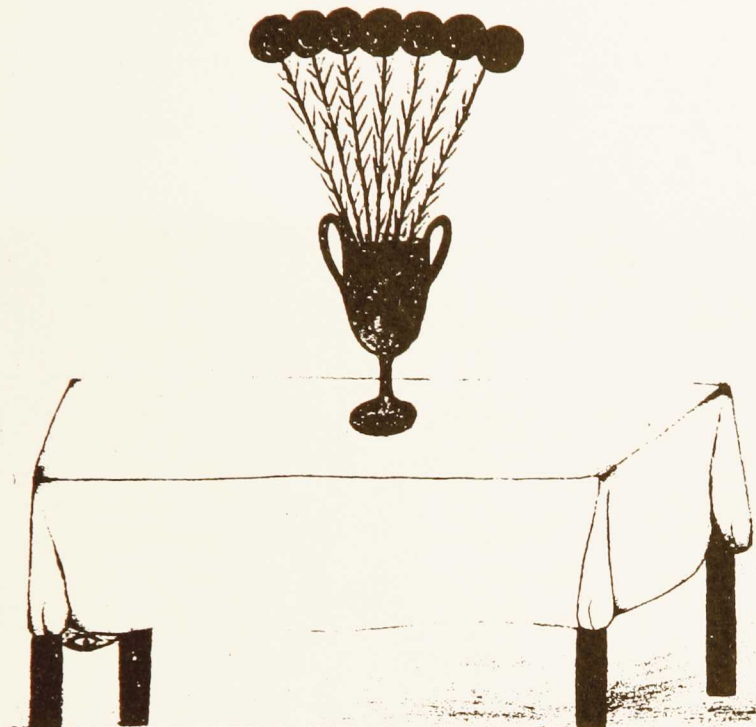
africa, Moçambique, onde fui salvo pe
facto dos pretos reconhecerem em mim
um amigo. Seguiu-se a pacificação
de Angola, o que foi nesse tempo uma
reparação ao facto que indico.

Assinatura
Fritz Fred Smutz Veigano
Ten. general

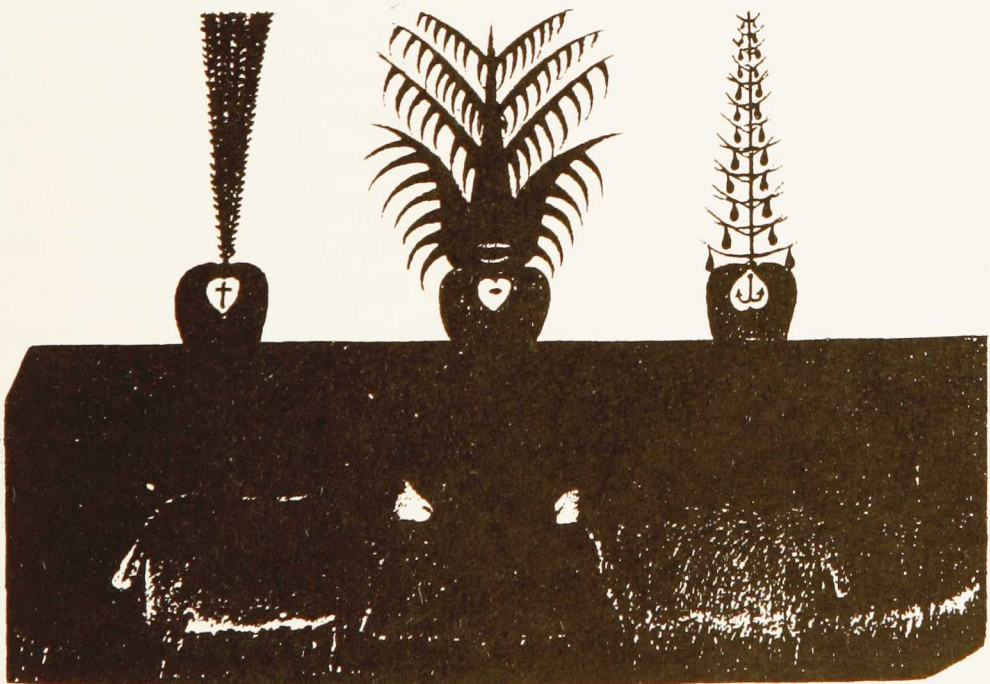
Para melhor identificação
de missões cumpridas dentro
de percursos florestais e de guerra.

Assinatura
~~Alberto Carlos Veigano~~
1.º cabo S. metzatrador
n.º 148/42
B. C. 8 - F. Veigas

Sobre a Representação Linguística da Subjectividade

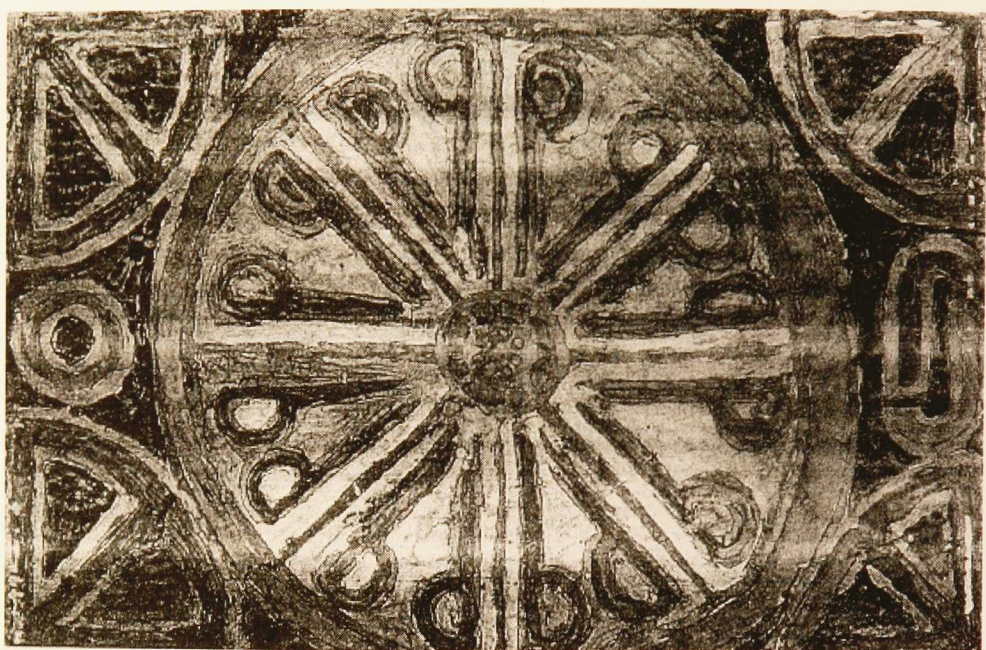


ATEMZAUBER. DER MÄRENZAUBERTISCH FÜR ALLEFREIEN UND AN-
SEWANDTEN REINHEIT U. ORDNUNG — TATKRAFTS — SELBSTBEHER-
SCHUNGSKRAFT — GEDULDS UND AUSSER HOHEREN SCHWEIßKRAFTS
KÜNSTL STEIGENDER ART, IN Y (SONNENSTREIFEN) BESTÄUTUNGEN
V WARHEIT, — EHRWICHKEIT UND SCHÖNHEITEN.



Doc. 3

O Conceito de Representação



Doc. 4